

ECONOMIA E DEMOGRAFIA NAS MINAS OITOCENTISTAS¹

Cláudia Eliane Parreiras Marques²

Resumo:

Este artigo tem como objetivo investigar a dinâmica econômica de um distrito rural, de Minas Gerais, no século XIX – Bonfim do Paraopeba. Pretende-se estudar as faixas da posse de escravos e através delas perceber aspectos relacionados à economia e à sociedade. Parte-se do pressuposto de que a quantidade de cativos definia o perfil socioeconômico das famílias escravistas. Outras questões serão abordadas, tais como a produção e a circulação de mercadorias e as altas taxas de africanos encontradas nas listas nominativas de habitantes de 1831/32.

O presente artigo tem como finalidade analisar a dinâmica socioeconômica de um distrito tipicamente rural, de Minas Gerais, no século XIX – Bonfim do Paraopeba. Os resultados alcançados tiveram o objetivo de caracterizar a economia e a população – por sexo, condição (livres, escravos), idade, cor (*qualidade*), estrutura ocupacional e estrutura da posse de escravos – comparando os dados com os dois outros universos estabelecidos nesta pesquisa: a província e a região Mineradora Central Oeste.

Posteriormente, daremos destaque à realidade de Bonfim no que tange a população distribuída pelas faixas³ da posse de escravos, utilizando para isso as listas nominativas de habitantes, de 1831/32. O núcleo central do estudo prende-se, pois, à tese de que as características econômicas e demográficas dos cinco grupos – não escravistas, pequenos (1 a 3), médios (4 a 10), grandes (11 a 35) e muito grandes (36 ou +) - estudados diferenciam-se entre si. Através da segmentação dos 244 fogos/domicílios nas referidas faixas e o estudo detalhado de suas variáveis, poderemos ou não captar identidades distintas entre os setores. Simultaneamente a essa análise, iremos vislumbrar a economia, dessa localidade, enfocando aspectos relacionados à

1 Este trabalho faz parte da minha Dissertação de Mestrado intitulada *Riqueza e Escravidão: Dimensões Materiais da Sociedade no Segundo Reinado. Bonfim/MG*, defendida na Universidade de São Paulo, Departamento de História, em dezembro de 2.000. Parte deste trabalho foi apresentada no Congresso Historiografia Brasileira em Debate, no Centro de Demografia Histórica da América Latina, da Universidade de São Paulo.

2 Professora Assistente do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

3 Estamos considerando nesse trabalho as palavras **grupos, setores, estratos** como sinônimos de faixas da posse de escravos. Iremos utilizá-las simultaneamente no decorrer do texto.

ocupação da população, a produção de alimentos e a circulação de mercadorias, dentro e fora da província de Minas Gerais.

Bonfim do Paraopeba: presença regional e provincial

A partir da década de oitenta, a historiografia mineira vem repensando algumas considerações propostas pelos autores clássicos⁴. Entre as muitas questões reelaboradas por esse novo grupo de pesquisadores, algumas devem ser especialmente destacadas neste artigo⁵. Segundo os estudiosos contemporâneos o declínio do ouro e do diamante, ocorrido no século XVIII, não desarticulou a economia mineira. Importantes estudos demonstraram que os mineiros continuaram importando escravos nas primeiras décadas do século XIX, estendendo o tráfico até a década de setenta⁶. Essa mesma historiografia contemporânea questionou o por quê dessa ininterrupta importação de cativos. O que esses escravos estariam fazendo? É certo que uma economia decadente e pouco dinâmica, como haviam apontado os autores tradicionais, era incompatível com essa

4 Estamos considerando por **autores clássicos**: SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Editora Nacional/Brasília, INL, 1977; FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961; PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1972. NOVAIS, Fernando. *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI-XVIII)*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

5 Estamos considerando **autores contemporâneos** aqueles posteriores a década de oitenta. No entanto, três trabalhos produzidos nos anos setenta devem ser destacados: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982; GORENDER, Jacob. *O Escravismo Colonial*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1978 e LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979. Tais trabalhos marcaram os inúmeros estudos acadêmicos surgidos nos anos oitenta. Segundo Clotilde Paiva “As assim chamadas sociedades “coloniais” passaram a ser objeto de grande interesse acadêmico e deram origem a importantes pesquisas que retomaram como objeto de investigação diferentes regiões do país, quer sejam províncias quer sejam áreas específicas dentro destas províncias”. A década de oitenta é também considerada um marco nos estudos que envolvem a Economia Provincial Mineira, em função da polêmica tese do professor Roberto Borges Martins intitulada *Growing in silence: the slave economy of nineteenth century Minas Gerais – Brasil*. Nashville, Vanderbilt University, 1980, (*Tese de doutorado*). Uma boa consideração a esse respeito encontra-se no trabalho da professora Clotilde Andrade Paiva, *População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX*. São Paulo: *Tese de Doutorado*. FFLCH/USP, 1996. Pp. 5 a 14. Além da tese de Paiva, citada anteriormente, destaque especial deve ser dado a três trabalhos: *Transformação e Trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988 de Douglas Cole Libby. *Homens de grossa aventura: acumulação e riqueza na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. de João Luís Ribeiro Fragoso e o trabalho de Afonso de Alencastro Graça Filho. *A Princesa do Oeste: Elite Mercantil e Econômica de Subsistência em São João Del Rey (1831-1888)*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1998. (*Tese de Doutorado*).

6 Ver MARTINS, Op. Cit. 1980

nova constatação. Os vários estudos regionais, surgidos após a tese de Martins, demonstraram que havia um significativo comércio dos produtos da terra, durante todo século XIX, inclusive nas décadas iniciais⁷. Os tecidos e outros produtos como toucinho, queijo e rapadura eram permanentemente negociados dentro da província e também na praça do Rio de Janeiro⁸.

As questões dos autores contemporâneos, associadas às evidências empíricas dos trabalhos regionais, ampliam o leque de discussões sobre a história provincial mineira, estabelecendo assim um constante diálogo com a historiografia. Os estudos realizados para a província mineira, nos últimos vinte anos, foram marcados por um profundo senso revisionista, como salientamos anteriormente. Proposições como decadência econômica e depopulação, no século XIX, são algumas das questões consideradas inválidas para se pensar a realidade socioeconômica mineira. A releitura das fontes e a incorporação de outras tantas - *Inventários, Relatórios de Presidente de Província, Livros de Registro de Entradas da Delegacia Fiscal, Lista Nominativas, Documentação de Câmara, Relatos de Viagem etc* – permitiram matizar novos problemas sobre a história de Minas.

As novas abordagens, fornecidas pelos autores contemporâneos, servirão de prólogo a esse estudo e às análises que iremos aqui desenvolver. O presente artigo está inserido dentro desses pressupostos e evidências já consagrados pela historiografia pós-década de 1980. A importância de se estudar a população de Bonfim inscreve-se, pois, no esforço de apreender o seu papel econômico e demográfico, em relação ao universo provincial e regional. A análise possibilitou captar as relações econômicas, através do enfoque da estrutura ocupacional; observou-se as nuances da sua formação social, através das cifras apontadas para brancos, criolos e mestiços; detectou-se aspectos importantes relacionados ao tráfico negreiro e outras questões econômicas e populacionais relevantes.

É preciso também ressaltar que a divisão regional elaborada pelos pesquisadores do Cedeplar - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - serviu de

7 Ver PAIVA, Op. Cit. 1996

8 Os inventários *post-mortem*, trabalhado no capítulo 3 e 4 da minha dissertação de mestrado - permitiram vislumbrar a circulação de mercadorias através dos tropeiros. Esses levavam os produtos da terra (cargas de secos e molhados, tecidos locais, etc.) para outras localidades como, Ouro Preto e o Rio de Janeiro; traziam de lá mercadorias novas como os tecidos importados, as roupas de linho, os chapéus de seda e outros objetos incomuns àquela sociedade. Ver MARQUES, Op. Cit. 2000

parâmetro para as análises aqui desenvolvidas. A localização de Bonfim dentro dos limites definidos como Mineradora Central Oeste reiteram as idéias desses estudiosos⁹. Os resultados demográficos e econômicos alcançados para o distrito de Bonfim do Paraopeba foram permanentemente comparados e associados com aqueles obtidos para a região Mineradora Central Oeste e a província mineira.

As evidências empíricas permitem-nos dizer que o percentual de escravos encontrados em Bonfim do Paraopeba era 19% maior que aquele encontrado na província e 15% superior ao da região Mineradora Central Oeste¹⁰ (tabela 1). Todavia, se analisarmos a razão de sexo dos escravos bonfinenses (tabela 6) veremos que esses eram 13% inferiores aos da província e 14% menores que aqueles encontrados para a região. A presença mais marcante de mão-de-obra feminina, se comparada com os dois universos pontuados, deve estar relacionada com o trabalho da fiação e tecelagem, desenvolvido naquela localidade. Os inventários constituíram também uma fonte importante para essa análise¹¹. Ao estudarmos os documentos cartoriais de Bonfim constatamos que dos 210 documentos analisados 70% deles mencionavam rodas de fiar e teares. Em princípio, achamos que se tratava exclusivamente de produção de subsistência, ou seja, que as mulheres livres estariam realizando essa atividade para consumo de suas próprias famílias. No entanto, a documentação censitária revelou um grande número de escravas envolvidas no processo de fiação e tecelagem – inclusive nos grandes plantéis. Quando estivermos analisando a estrutura ocupacional de Bonfim, outras questões a esse respeito serão destacadas.

9 Ver principalmente a tese de doutoramento desenvolvido por PAIVA, Op. Cit. 1996. Ver também GODOY, Marcelo Magalhães. Intrépidos viajantes e a construção do espaço. Uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX. In: *Texto Para Discussão*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, N. 109, 1996.

10 Os dados de 1831/32 para Bonfim, bem como os resultados para a província e a região Mineradora Central Oeste foram cedidos pelo Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demografia Histórica do CEDEPLAR, coordenado pela professora Clotilde Andrade Paiva.

11 Para uma maior consideração sobre esse assunto ver capítulo 3 e 4 da minha dissertação de mestrado. MARQUES, Op. Cit. 2000

Tabela 1 - Distribuição da população total por condição, Província, Mineradora Central Oeste, Bonfim, 1831/32

População	Livres		Escravos		Total	
	N	%	N	%	N	%
Província	275988	66,8	136989	33,1	413286	100
Mineradora Central Oeste	78700	65,6	41104	34,3	119905	100
Bonfim	1042	60,4	684	39,6	1726	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32

Tabela 2 – Distribuição da população escrava por sexo e condição, Província, Mineradora Central Oeste, Bonfim, 1831/32

População Escrava	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Província	84153	61,4	52836	38,6	136989	100
Mineradora Central Oeste	25402	61,8	15702	38,2	41104	100
Bonfim	396	57,9	288	42,1	684	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32

Os dados da tabela 1 e 2 associados a outros como a distribuição da população por sexo, condição e idade (tabela 3) indicaram que deveria estar ocorrendo, em Bonfim, uma expressiva importação de escravos. Os resultados encontrados para os escravos adultos reafirmam essa questão. Existia em Bonfim 24% de escravos adultos do sexo masculino a mais que na província e 11% a mais que na região. Entre as mulheres escravas adultas a realidade, embora menos sensível, chegou a ser também positiva, 4,3% maior que a província.

No entanto, o percentual de crianças escravas para ambos os sexos apresentou índices relativamente mais baixos que os dois outros universos. Uma vez que o patamar das crianças possibilita-nos avaliar a existência da reprodução natural da população cativa, podemos concluir que a reposição de mão-de-obra cativa em Bonfim estava relacionada incisivamente com a importação.

Tabela 3 - Distribuição da população escrava por sexo e faixa etária, Província, Mineradora Central Oeste, Bonfim, 1831/32

	Criança (0-14)		Adulto (15-59)				Idoso (60 ou +)				Total					
	H		M		H		M		H		M					
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%				
Província	20188	24,0	17754	33,6	55672	66,2	32127	60,8	3345	4,0	1184	2,2	84153	100	52836	100
Minr. C.O.	5597	22,0	4951	31,5	18360	72,3	10272	65,4	1424	5,6	467	3,0	25402	100	15702	100
Bonfim	61	15,4	94	32,6	317	80,1	189	65,6	18	4,5	5	1,7	396	100	288	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32

Se a reprodução natural configurou-se de forma menos preponderante no distrito e, por outro lado, os dados ressaltam significativa massa de mão de obra cativa; cabe então salientarmos algumas questões. **Por que esse distrito obteve dentro do universo analisado um percentual de escravos tão significativos? Esses cativos estariam ocupados nas simples atividades de subsistência, como ressaltou a historiografia clássica sobre Minas Gerais? O que podemos dizer da estrutura ocupacional de Bonfim? Em que medida as ocupações ajudam a compor o perfil econômico da localidade estudada?** Estas questões estarão pontuando as páginas seguintes, entretanto, antes de respondê-las abordaremos o perfil dos habitantes, através do estudo do sexo, da condição (livre ou escravo) e da cor (brancos, africanos, criolos e mestiços).

As cores dos homens e suas implicações econômicas e sociais

Dentro da população livre do distrito (tabela 4 – anexo 1) nota-se uma maior presença de mestiços, seguidos dos brancos, criolos e africanos. Os percentuais dos três últimos mencionados eram inferiores àqueles encontrados para a província e a região Mineradora Central Oeste. Os dados indicaram que a possibilidade dos africanos do sexo masculino atingirem a condição de forros, em Bonfim, era 30% menor que a província e 40% inferior à região mencionada. Se compararmos com a situação das mulheres africanas veremos que os percentuais são ainda mais incisivos - 50% menor que à província e 47% inferior à região.

Outra questão relevante na lista nominativa de Bonfim foi uma mestiçagem, entre os livres, superior aos outros dois universos enfocados. Os percentuais para os homens são marcantes - apontaram que havia 33% a mais que os percentuais provinciais. Já os resultados para as mulheres criolas também excediam em 21% àqueles encontrados para a província.

Quando observamos a articulação da variável cor (criolos, mestiços e africanos) com o sexo, no mundo dos escravos (tabela 5 – anexo 1), nota-se que os percentuais tanto para homens quanto para mulheres da raça africana eram, visivelmente, superiores aos das duas outras áreas. A presença dos africanos do sexo masculino no conjunto da população em Bonfim superava em mais de 24% aqueles resultados encontrados para a província e era 17% superior à região Mineradora Central Oeste. Para as mulheres a superioridade das africanas encontradas em Bonfim era ainda mais evidente - 35% a mais que a província e 31% a mais que a região. Por outro lado, a presença de criolos e mestiços cativos de ambos os sexos em Bonfim era menor que aqueles encontrados nos dois outros universos. Conclui-se, portanto, que os africanos eram majoritários no universo da escravaria de Bonfim.

Analisando a razão de sexo dos africanos bonfinenses (tabela 5 – anexo 1) veremos que essa é visivelmente maior que a dos criolos e dos mestiços. Mas se compararmos esses mesmos números nos espaços aqui focalizados veremos que o resultado encontrado para Bonfim é relativamente menor que os obtidos para a província e a mineradora. Isso significa dizer que havia uma percentagem de mulheres africanas mais relevante que aquelas encontradas para a província e para a região. E, por fim, quando analisamos o comportamento das mulheres crioulas observamos que a razão de sexo entre Bonfim e a região Mineradora Central Oeste era igual e, em relação, à província menor.

Os resultados das tabelas seguintes evidenciaram o grande percentual de africanos sinalizando mais uma vez que a mão-de-obra cativa de Bonfim deveria ser proveniente, na sua maioria, da importação. Este fato, por outro lado, sugere que uma sociedade que necessitasse de uma grande quantidade de escravos deveria possuir uma (ou várias) atividade(s) econômica(s) que os incorporassem e os absorvessem no mundo do trabalho.

O que está implícito nesse jogo de números e taxas, envolvendo a cor, a idade, o sexo e a condição dos homens, é o tema central deste artigo – **a dinâmica econômica e social de um distrito tipicamente rural, no século XIX mineiro**. Esse possível dinamismo vem, de certa forma, explicar e justificar a expressividade de africanos cativos encontrados no distrito, muito superior àquela apresentada para a província e a região no qual estava inserido.

Um desdobramento dessa questão pode ser demonstrado quando se analisa a idade dos africanos (tabela 06 – anexo 1). Os percentuais, tanto para os homens quanto para as mulheres adultas da raça africana, são visivelmente superiores aos resultados encontrados para a província e a região. Comparando os três universos notamos que a presença de africanos adultos bonfinenses era 8% maior que o padrão estabelecido para a província e a região.

O mesmo não ocorreu com as crianças africanas; os resultados de Bonfim foram sensivelmente menores. Estas chegaram a representar 50% a menos que aquelas existentes para Minas Gerais e 38% a menos que a Mineradora Central Oeste. Tais resultados acentuam que a reposição de mão-de-obra escrava era proveniente, sobretudo, da importação – característica essa compatível com áreas economicamente dinâmicas.

Com isso, não estamos desconsiderando a existência da reprodução natural entre os escravos da localidade estudada. Os dados, no entanto, permitem dizer que esta foi menos evidente que os resultados gerais encontrados para a província e a região. Quando estivermos analisando a população de Bonfim através das faixas da posse de escravos esclareceremos melhor essa questão que foi tese central de alguns trabalhos, como os de Luna e Cano, Slenes e Botelho¹².

12 Ver LUNA, Francisco Vidal. & CANO, Wilson. Economia escravista em Minas Gerais. *Cadernos IFCH*. Campinas: UNICAMP, n. 10, out. 1983; SLENES, Robert W. A formação da família escrava nas regiões de grande lavoura do Sudeste: Campinas, um caso paradigmático no século XIX. In: *População e família*. São Paulo: CEDHAL/USP/Humanitas, volume 1, n.1, (jan./jun.) 1998; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Família e escravaria: demografia e família escrava no norte de Minas Gerais no século XIX. In: *População e família*. São Paulo: CEDHAL/USP/Humanitas, vol. 1, n.1, (jan./jun). 1998.

Escravos, fogos e faixas da posse

O estudo da lista nominativa de Bonfim permite observar que 43% dos fogos possuíam escravos (tabela 7). A província e a mineradora apresentaram percentuais menores, 32%. Isso equivale a dizer que o distrito possuía 34% a mais de fogos com escravos que os outros dois universos contemplados.

Tabela 7 – Distribuição dos fogos com ou sem escravos, Província, Mineradora Central Oeste, Bonfim, 1831/32

Fogos	S/ Escravos		C/ Escravos		Total	
	N	%	N	%	N	%
Província	43387	68	20691	32	64078	100
Mineradora Central Oeste	12570	68	5969	32	18539	100
Bonfim	138	57	106	43	244	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32

Análise interessante se configura ao compararmos a distribuição dos fogos nas faixas de posse de escravos. Com relação à segmentação dos plantéis percebe-se que Bonfim, Mineradora e Província possuíam acima de 50% do total de famílias escravistas concentradas nos pequenos plantéis (1 a 3). Observa-se, por outro lado, que a faixa dos grandes escravistas em Bonfim era 23% maior que a província e quase 30% mais elevada que a mineradora, como mostra a tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição dos fogos pelas faixas da posse de escravos, Província, Mineradora Central Oeste, Bonfim, 1831/32

	Pequeno (1 a 3)		Médio (4 a 10)		Grande (11 a 35)		Muito Grande (36 ou +)		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Província	10664	51,5	6758	32,7	2847	13,8	422	2,0	20691	100
Miner. Central Oeste	3186	53,4	1863	31,2	780	13,1	140	2,3	5969	100
Bonfim	56	52,8	30	28,3	18	17,0	2	1,9	106	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32

A ocupação da população

Como última parte desta análise comparativa de Bonfim, pontuaremos algumas características econômicas encontradas na estrutura ocupacional. Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que do total da população, 57,2% informa ocupação. O índice é relativamente bom se compararmos com aqueles alcançados para a província (39,7%) e para a Mineradora Central Oeste (47,6%)¹³.

Entre as muitas questões a respeito das ocupações, uma nos chamou atenção especial: o elevado índice do setor atividades manuais e mecânicas e dentro dele o destaque da fiação e tecelagem. Estas atividades representam 53,4% das ocupações informadas na lista nominativa de 1831. Se compararmos esse percentual com a região e a província veremos que estes são bem menores, ficando em 41,3% e 26,3% respectivamente. Esses resultados, associados àqueles encontrados nas fontes cartoriais, revelaram que a grande maioria das mulheres da localidade de Bonfim estava envolvida nessa atividade artesanal (tabela 09).

Um fator inusitado, no entanto, deve ter ocorrido com a confecção do censo. Outros estudos já apontaram que a informação de ocupação era destinada prioritariamente para os homens livres e só depois era arrolada a atividade para o sexo feminino¹⁴. Em Bonfim, o juiz de paz ao confeccionar essa documentação censitária priorizou informar a ocupação das mulheres. O motivo de tal “predileção” nunca saberemos qual foi. O fato é que do total da população livre, 55% das informações estão concentradas na categoria das mulheres, em contrapartida apenas 45% para os homens. O mesmo ocorreu para a população escrava, apenas 11% para os homens e surpreendentemente 85% para as mulheres.

Embora esses resultados revelem uma participação fundamental das mulheres dentro da estrutura ocupacional, por outro lado parecem subestimar a participação dos homens. O setor da agropecuária, com apenas 13,3%, expressa essa contradição. Outras

13 No universo da província existem distritos como os do Município de Minas Novas que apresentam um nível de informação para ocupação em torno de 98%, enquanto outros como Carmo do Japão (Carmópolis) o percentual encontrado não ultrapassa a 2%. Para uma análise mais específica a esse respeito, ver Banco de Dados que se encontra no CEDEPLAR./FACE/UFMG.

14 Ver PAIVA, Op. Cit. 1996.

fontes (*inventários, os relatos de viagem, as memórias*)¹⁵ e a própria historiografia mineira¹⁶ evidenciam e salientam que a agropecuária era a atividade predominante no Vale do Alto-Médio Paraopeba, no qual o distrito de Bonfim estava inserido. É importante também lembrarmos que foi, sobretudo, essa atividade econômica que consolidou a fundação do arraial no decorrer do século XVIII. E foi também essa mesma atividade que fez José Joaquim da Silva identificar que os fazendeiros de Bonfim viviam da criação e da lavoura.

*“Os fazendeiros (de Bonfim) tratam de criação e de lavoura e esta consta essencialmente de cana, gêneros alimentícios e também de algodão, de que fazem excelentes tecidos. A maior parte dos gêneros de sua lavoura é exportada para o comércio da capital da província”*¹⁷.

Antes de Silva percorrer o município de Bonfim e elaborar o seu estudo, Saint-Hilaire já tinha visitado a província mineira. Entre várias questões destacou, sobretudo, o papel fundamental das terras que circundavam o Rio Paraopeba, na qual Bonfim está inserido. Percorrendo o vale e a região o viajante francês declarou em seu diário:

*“O Rio Paraopeba nasce nas vizinhanças de Queluz e, após um curso de cerca de 60 léguas lança-se no São Francisco, entre os Rios Pará e Abaeté. As margens do Paraopeba, na parte mais próxima de suas nascentes, são tidas como de grande fecundidade, sendo elas que fornecem uma parte dos víveres que se vendem em Mariana, Sabará e na capital de Minas”*¹⁸.

15 Para uma análise mais acurada ver capítulo 3 e 4 da minha dissertação de mestrado. MARQUES, Op. Cit. 2000.

16 Ver PAIVA, Op. Cit. 1996

17 SILVA, José Joaquim. *Tratado de Geografia Descritiva Especial da Província de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997. p. 138. (grifos nossos).

18 Ver SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. (tradução de Leonam de Azeredo Penna). Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1974. P. 101. Outro viajante que visitou o Vale do Paraopeba foi WELLS, James W. *Explorando e viajando. Três mil milhas através do Brasil. Do Rio de Janeiro ao Maranhão*. (Tradução de Miriam Ávila e introdução de Christopher Hill). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 2 Vol.

Por outro lado, a historiografia contemporânea vem ressaltando, também, a importância do comércio dos gêneros alimentícios na Minas oitocentista. Segundo Fragoso,

*“Alguns municípios (mineiros) consistiam em centros comerciais provinciais e/ou intraprovinciais, como, por exemplo, Ouro Preto, São João Del Rey e Diamantina. Outros, como Januária, **Bonfim** e Oliveira, declararam que produziam e exportavam alimentos, açúcar e aguardente para o comércio intraprovincial, ainda alimentado pela produção de panos de algodão”¹⁹.*

Observando a estrutura ocupacional de Bonfim fica evidente a importância que a fiação e tecelagem ocupava no mundo do trabalho. No entanto, os dados demonstraram timidamente a realidade da agricultura – suporte básico da economia do distrito. Entretanto, quando analisamos as ocupações dos 244 “chefes de fogos” observa-se que o setor agropecuário passou a liderar sobre os demais. Os estudiosos das listas nominativas entendem que a atividade preponderante da família ou “fogo” gravitava em torno do “chefe”, caracterizando e definindo o perfil econômico da unidade. Com isso, não estamos excluindo a possibilidade de coexistirem múltiplas atividades dentro do mesmo “fogo”, mas era certamente a ocupação do “chefe” aquela de maior destaque²⁰.

Nota-se, ao analisar a ocupação dos “chefes de fogos”, na tabela 10, que os percentuais destinados à agropecuária, subiram de 13,3% para 35,7%. Os dados apresentados revelaram não só um significativo percentual para o referido setor, como também demonstraram o expressivo decréscimo do setor atividades manuais e mecânicas. Na população total eles assumiam um percentual de 64,4%, mas ao analisarmos o mesmo setor para os chefes das famílias, esses passaram a representar 35,5%. Embora seja ainda um número considerável dentro do universo analisado, é ligeiramente inferior à agropecuária. Comparando separadamente as ocupações dos chefes, veremos que a agricultura respondeu por 31,6%, e a fiação e tecelagem ficou em

19 Ver FRAGOSO (1992, P. 107). (grifos nossos)

20 Ver SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: Século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.

torno de 22,5%. O setor comércio também passou de 4,2% na população geral, para 8,6% entre os “chefes”.

Retomando a comparação dos resultados para a população total com informação de ocupações de Bonfim com os outros dois universos, vejamos como os demais setores e grupo, assumiram posições variadas no conjunto da população. Os assalariados e as outras atividades expressaram um aumento se comparado com a província e com a região. Todavia, destaca-se a ausência completa da mineração o que vem reiterar o papel agrário que o distrito assumiu, no decorrer da sua história.

Por fim, ao analisarmos o setor do comércio, do serviço doméstico, e das funções públicas observamos que os percentuais encontrados para Bonfim sinalizam uma participação menos expressiva, se comparado com a região e com a província. É preciso lembrar que Bonfim, no ano de 1831, ainda não era município, justificando assim o baixo percentual para o setor funções públicas. As tabelas seguintes podem elucidar detalhadamente o que acabamos de dizer.

Tabela 09 - Estrutura ocupacional da população total, Província, Mineradora Central Oeste e Bonfim, 1831/32

Setor	Grupo	Província		Mineradora Central Oeste		Bonfim	
		N	%	N	%	N	%
Agropecuária	Agricultura	55049	33,8	13110	23,4	121	12,3
	Agroindústria	214	0,1	86	0,2	2	0,2
	Pecuária	959	0,6	223	0,4	0	0,0
	Associações	1188	0,7	240	0,4	8	0,8
	SubTotal	57410	35,2	13659	24,4	131	13,3
Mineração	Mineração	5533	3,4	2834	5,1	0	0,0
	Associações	2	0,0	1	0,0	0	0,0
	SuTotal	5533	3,4	2835	5,1	0	0,0
Atividades	Madeira	3346	2,1	1252	2,2	20	2,0
Manuais e Mecânicas	Metais	3070	1,9	1524	2,7	8	0,8
	Couro e peles	2943	1,8	1016	1,8	12	1,2
	Barro (cerâmica)	798	0,5	251	0,4	3	0,3
	Fibras	110	0,1	65	0,1	0	0,0
	Tecido	13082	8,0	5319	9,5	61	6,2
	Fiação e Tecelagem	42844	26,3	16893	30,1	527	53,4
	Construção Civil	777	0,5	308	0,5	4	0,4
	Outras	335	0,2	170	0,3	1	0,1
	Associações	715	0,4	118	0,2	0	0,0
		SubTotal	68020	41,7	26916	48,0	636
Comércio	Comércio	5228	3,2	2065	3,7	32	3,2
	Tropeirismo	1675	1,0	853	1,5	9	0,9
	Associações	4	0,0	2	0,0	0	0,0
	SubTotal	6907	4,2	2920	5,2	41	4,2
Serv. Doméstico	Serviço Doméstico	5889	3,6	2080	3,7	8	0,8
	SubTotal	5889	3,6	2080	3,7	8	0,8
Função Pública	Civis	360	0,2	153	0,3	0	0,0
	Militares	224	0,1	114	0,2	0	0,0
	Igreja	498	0,3	240	0,4	1	0,1
	Associações	3	0,0	1	0,0	0	0,0
	SubTotal	1085	0,7	508	0,9	1	0,1
Outras Atividades	Extrativismo	445	0,3	274	0,5	0	0,0
	Assalariado	8326	5,1	2916	5,2	102	10,3
	Feitor	604	0,4	339	0,6	3	0,3
	Educação	2283	1,4	1223	2,2	35	3,5
	Saúde	258	0,2	97	0,2	3	0,3
	Transporte	967	0,6	500	0,9	2	0,2
	Outras Atividades	1274	0,8	692	1,2	1	0,1
	Associações	9	0,0	8	0,0	0	0,0
	SubTotal	14166	8,7	6049	10,8	146	14,8
Desocupados	Defic. Enfer. Idosos	1039	0,6	476	0,8	21	2,1
	Indigentes	410	0,3	182	0,3	0	0,0
	Sem ocupação	1467	0,9	73	0,1	0	0,0
	SubTotal	2916	1,8	731	1,3	21	2,1
Assoc. ocupacionais.	Assoc. ocupacionais	1115	0,7	366	0,7	3	0,3
	SubTotal	1115	0,7	366	0,7	3	0,3
Total		163041	100	56064	100	987	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32 .

A não informação representa para a Província 247.559 casos ou 60,3%; para a Mineradora Central Oeste 61.775 casos ou 52,4%; para Bonfim 739 casos ou 42,8%.

Tabela 10 - Estrutura ocupacional dos “chefes de fogos”, distrito de Bonfim, 1831

Setor	Grupo	Homem		Mulher		Total	
		N	%	N	%	N	%
Agropecuária	Agricultura	73	29,9%	4	1,6%	77	31,6%
	Agroindústria	2	0,8%	0	0,0%	2	0,8%
	Pecuária	1	0,4%	0	0,0%	1	0,4%
	Associações	7	2,9%	0	0,0%	7	2,9%
	SubTotal	83	34,0%	4	1,6%	87	35,7%
Atividades Manuais e Mecânicas	Madeira	10	4,1%	0	0,0%	10	4,1%
	Metais	3	1,2%	0	0,0%	3	1,2%
	Couro e peles	5	2,0%	0	0,0%	5	2,0%
	Barro (cerâmica)	1	0,4%	0	0,0%	1	0,4%
	Tecido	8	3,3%	1	0,4%	9	3,7%
	Fiação e Tecelagem	0	0,0%	55	22,5%	55	22,5%
	Construção Civil	4	1,6%	0	0,0%	4	1,6%
	SubTotal	31	12,7%	56	23,0%	87	35,7%
Comércio	Comércio	21	8,6%	0	0,0%	21	8,6%
	SubTotal	21	8,6%	0	0,0%	21	8,6%
Serviço Doméstico	Serviço Doméstico	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
	SubTotal	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Função Pública	Igreja	1	0,4%	0	0,0%	1	0,4%
	SubTotal	1	0,4%	0	0,0%	1	0,4%
Outras Atividades	Assalariado	34	13,9%	0	0,0%	34	13,9%
	Feitor	1	0,4%	0	0,0%	1	0,4%
	Educação	2	0,8%	0	0,0%	2	0,8%
	Saúde	1	0,4%	1	0,4%	2	0,8%
	Transporte	1	0,4%	0	0,0%	1	0,4%
	Outras Atividades	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
	SubTotal	39	16,0%	1	0,4%	40	16,4%
Desocupados	Deficiente, enfermos e idosos	4	1,6%	1	0,4%	5	2,0%
	SubTotal	4	1,6%	1	0,4%	5	2,0%
Associações Ocupacionais	Associações Ocupacionais	2	0,8%	0	0,0%	2	0,8%
	SubTotal	2	0,8%	0	0,0%	2	0,8%
Sem informação		0	0,0%	1	0,4%	1	0,4%
Total		181	74,2%	63	25,8%	244	100,0%

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831, SPPP 1 10 Caixa 05, documento 35

A análise dos dados estatísticos associados a outras fontes como os inventários *post-mortem* e as informações sobre a história de Bonfim, forneceram os subsídios necessários para pensarmos as questões suscitadas no início desse artigo. Os escravos, pelo que pudemos perceber, estavam, na sua maioria, associados ao setor agropecuário²¹. Entre as mulheres cativas, observamos que das 160 informações destinadas a elas, mais de 80% referiam-se à fiação e tecelagem. Os “excelentes

²¹ Ver lista nominativa de Bonfim 1831, localizada no Arquivo Público Mineiro, SPPP 1 10 Caixa 05, Documento 35

tecidos” bonfinenses referidos por José Joaquim da Silva, em 1877, parecem ter tido o mesmo destino que os excedentes agrícolas e os produtos da terra; estavam sendo comercializados. Encontramos vários documentos de comerciantes e tropeiros nos quais são nítidas as evidências do intercâmbio comercial estabelecido entre o distrito, outras partes da província e a corte do Rio de Janeiro²².

Para ilustrar o que acabamos de dizer, basta citar o inventário do tropeiro José Joaquim Souto, falecido em 1845²³. Este documento revela as várias facetas das relações comerciais e do escoamento da produção dos fazendeiros bonfinenses. A análise do manuscrito permitiu-nos saber em detalhes que Souto e seu filho Irineu, também tropeiro, realizavam entregas de cargas de molhado, louças e varas de tecido na Vila de Carmelo e também no Rio de Janeiro.

As evidências vislumbradas no referido inventário comprovaram os pressupostos das possíveis relações comerciais estabelecidas entre o distrito mineiro e a praça carioca²⁴. Fragmentos dessa história foram percebidos através do cotejamento de várias fontes – censos, inventários, memórias e relatos. Apontaram, entre outras questões, a dinamização da economia, do comércio e da circulação de mercadorias justificando, por outro lado, as elevadas taxas de escravos, sobretudo de africanos.

A economia e a população de Bonfim através das faixas da posse de escravos

As características econômicas e demográficas do distrito estudado, associadas àquelas encontradas para a província e a região Mineradora Central Oeste, permitiram-nos estabelecer uma comparação entre os três universos aqui focalizados. Discutiremos agora as possíveis diferenças existentes entre as faixas da posse de escravos encontradas nos 244 fogos do distrito de Bonfim em 1831/32. Este estudo possibilitou-nos averiguar o perfil econômico e demográfico das cinco faixas da posse: não escravistas, pequenos, médios, grandes e muito grandes, estabelecendo um paralelo entre elas.

22 Para uma maior consideração sobre esse assunto ver capítulo 3 e 4 da minha dissertação de mestrado. MARQUES, Op. Cit. 2000.

23 Ver Arquivo Municipal de Bonfim, Minas Gerais, inventário *post-mortem*, DC CSO 50(03). P. 13 e 14.

24 Ver FRAGOSO, Op. Cit. 1992.

Observamos, em primeiro lugar, que do total de escravos existentes em Bonfim 44,4% estavam concentrados nas mãos dos grandes escravistas. Se somarmos esse resultado com aqueles encontrados para os muito grandes escravistas veremos que os percentuais subiram para 60,8%. No item anterior realizamos essa mesma análise comparando, no entanto, o universo de Bonfim, com os da província e da Mineradora Central Oeste. Neste momento, além de retomarmos essa discussão, estudaremos o significado dessa concentração de escravos nos diferentes setores ou faixas da posse.

Cabe salientar, no entanto, que estamos considerando o escravo como sendo o mais importante referencial de riqueza, na maior parte do século XIX²⁵. Desta forma, ao constatararmos que apenas 8% das famílias ou fogos – grandes e muito grandes escravistas – detinham mais de 60% dos escravos, acabamos por evidenciar uma grande concentração de riqueza nas mãos de algumas poucas famílias; mais precisamente 20 das 244 existentes naquele momento da história.

Escravo *versus* tamanho da posse: sexo , idade e cor

Os resultados encontrados para as faixas da posse (tabela 12) indicaram que a razão de sexo entre os escravos era diretamente proporcional ao tamanho da posse. Ou seja, quanto maiores os plantéis, mais elevados se tornavam os percentuais dos homens escravos (tabela 11). O resultado obtido sugere pensarmos que essa questão devia estar relacionada ao tipo de atividade exercida nos fogos dos médios e grandes escravistas. Como já se pôde constatar, o Vale do Alto-Médio Paraopeba, no qual Bonfim estava inserido, possuía características econômicas ligadas, sobretudo, à agricultura e à pecuária²⁶.

25 O Banco de Dados construído com os inventários *post-mortem* evidencia tal constatação. Outros estudos, como a tese da professora Beatriz Ricardina Magalhães (Inventários e Seqüestros: fontes para a História Social. In: *Revista de História*. Belo Horizonte: V.9, 1989), focalizaram essa questão.

26 O estudo do geólogo M. Pimentel de Godoy realizado para o Vale do Paraopeba destaca a posição privilegiada do vale com relação aos aspectos mineralógicos, agropecuários e hidrográficos. Abordou com detalhada descrição as possibilidades da agricultura e pecuária ilustrada nas 64 fotografias e 21 mapas. Esse material cartográfico demonstra, entre as muitas questões, as manchas de terra “massa pé” ou de origem calcária, particularmente rica para as plantações. Ver GODOY, M. Pimentel de. *Expressão Econômica do Vale do Paraopeba*. Minas Gerais: Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de Minas Gerais, 1957.

Outras evidências apontaram que o distrito exportava o excedente da sua produção para outras localidades como Ouro Preto e para o Rio de Janeiro. Os grandes plantéis de escravos existentes em Bonfim estavam ligados, provavelmente, à produção para o mercado intra-regional e interprovincial. Isso não inviabiliza a existência de pequenos e médios escravistas exportando também o excedente de suas fazendas. Inclusive esse parece ter sido, de modo geral, o procedimento mais comum dos mineiros. Este fato ajuda a entender não só as expressivas e constantes importações de escravos durante o século XIX, mas também justifica em parte o possível apego da província à mão-de-obra cativa²⁷.

Os inventários constituem uma fonte exemplar nas quais é possível vislumbrar em detalhes o que acontecia nessas unidades produtivas. Encontramos nas fazendas dos grandes e muito grandes escravistas, cana-de-açúcar, arroz, feijão, milho, mandioca, café, algodão e mamona. Outro fator detectado foi a presença dos engenhos de cana, dos alambiques, das tendas de ferreiros, e das taponas de mamonas compondo o mundo do trabalho das fazendas²⁸.

Tabela 11 - Distribuição dos escravos por sexo, Bonfim, 1831

Faixa da posse	Escravos						R/S
	H		M		T		
	N	%	N	%	N	%	
Pequeno	51	52,0	47	48,0	98	100	1,08
Médio	98	57,6	72	42,4	170	100	1,35
Grande	180	59,2	124	40,8	304	100	1,45
Muito Grande	67	59,8	45	40,2	112	100	1,48
Total	396	57,9	288	42,1	684	100	1,38

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831, SPPP 1 10 Caixa 05, documento 35

Analisando a idade para os escravos (tabela 12), observamos que entre as crianças os maiores percentuais estavam concentrados nos médios e grandes escravistas. Segundo Robert Slenes esse é também um comportamento típico para a região de Campinas²⁹. Para o autor mencionado, os escravos inseridos na grande lavoura

27 Ver principalmente LANNA, Ana Lúcia D. *A Transformação do trabalho*. Campinas: 1989, 2ª ed. (1ª ed. 1988). Ver também; MARTINS, Op. Cit. 1996 e PAIVA, Op. Cit. 1995.

28 Confeccionamos um minucioso Banco de Dados, composto de 210 inventários *post-mortem*. Esse foi amplamente utilizado em nossa dissertação de mestrado, *Riqueza e Escravidão: Dimensões Materiais da Sociedade no Segundo Reinado*. Bonfim/MG, já citada neste trabalho

29 Ver SLENES, Op. Cit. 1998

obtinham uma relativa estabilidade propiciando, assim, um maior número de nascimentos.

Tabela 12 - Distribuição dos escravos por sexo e faixa etária, Bonfim 1831

	Criança (0-14)				Adulto (15-59)				Idoso (60 ou +)				Total			
	H		M		H		M		H		M		H		M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
P	7	13,7	8	17,0	42	82,4	39	83,0	2	3,9	0	0,0%	51	100	47	100
M	15	15,3	32	44,4	75	76,5	38	52,8	8	8,2	2	2,8%	98	100	72	100
G	29	16,1	44	35,5	145	80,6	78	62,9	6	3,3	2	1,6%	180	100	124	100
MG	10	14,9	10	22,2	55	82,1	34	75,6	2	3,0	1	2,2%	67	100	45	100
Total	61	15,4	94	32,6	317	80,1	189	65,6	18	4,5	5	1,7%	396	100	288	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831, SPPP 1 10 Caixa 05, documento 35

Quanto à distribuição da população livre e escrava por sexo e qualidade (tabela 13 e 14 – anexo 2) vejamos, em primeiro lugar, o que ocorreu para os livres na tabela 13 (anexo 2). Entre os brancos a razão de sexos oscilou pontuando ora mais elevada para os não escravistas (1,07), ora menor entre os pequenos e médios (0,9), chegou ao equilíbrio entre os grandes e decresceu significativamente entre os muito grandes (0,6). Os poucos africanos livres encontravam-se entre as famílias não escravistas e de médio plantel, com uma razão de sexos igual para ambas às faixas (2,2). Entre os criolos observa-se uma razão de sexos baixa para os não escravistas (0,7), pequenos e grandes (0,3). Já entre os criolos livres localizados nos médios plantéis a razão ficou em torno de 3,2. Entre os mestiços livres localizados nos plantéis de médio porte a razão de sexos era baixa (0,8), mas entre os muito grandes apresentou um índice muito elevado (2,9). Por outro lado, entre os muito grandes, pequenos e não escravistas chegou quase ao equilíbrio 1,07, 1,06 e 1,03 respectivamente.

Africanos, criolos e mestiços livres simbolizam os homens pobres da sociedade. Há uma expressiva concentração de mestiços nas faixas dos não escravistas e pequenos. Africanos e criolos livres existiam em pequenos números. Podemos concluir, com relativa segurança, que o mundo dos livres era dividido em três patamares: Brancos ricos, Mestiços pobres, Criolos e Africanos miseráveis.

Os brancos apresentam percentuais bem menores nos médios, grandes e muito grandes plantéis de escravos. Eram os “homens da boa sociedade”; donos das terras, das mulheres, dos filhos e dos escravos³⁰. Em seguida vinham os mestiços pobres; em geral possuíam pequenos sítios, plantavam para o sustento, eram agregados, protegidos dos afortunados e, muitos deles, eram também artífices³¹. Não tinham escravos ou quando possuíam tendiam a ser pequenos plantéis. A tabela de ocupações que iremos analisar em seguida revela outras facetas desta questão. Das 987 ocupações informadas, 66% estavam concentradas nas faixas dos não escravistas e pequenos. Por último, restavam pouquíssimos africanos forros (09) e alguns criolos (79), provavelmente os mais pobres e desprovidos de bens materiais.

No mundo dos escravos, a supremacia numérica era dos africanos, como se pode notar pelos números da tabela 14 (Ver anexo 2). Em qualquer faixa analisada, os homens dessa raça eram quantitativamente superiores às mulheres. A razão de sexos chegou a 2,5 para os grandes escravistas. Provavelmente esse resultado tem relação direta com a importação. Fato interessante ocorria entre os criolos e mestiços. O número de mulheres era, na sua maioria, superior ao dos homens, com exceção dos criolos localizados entre os muito grandes escravistas que apresentou um ligeiro aumento (1,1).

Perfil ocupacional das distintas faixas da posse de escravos

Como última questão vejamos a estrutura ocupacional (tabela 15) pelas faixas da posse de escravos. As especificidades e peculiaridades fazem da lista nominativa de Bonfim um interessante estudo de caso. O fato do juiz de paz informar mais a respeito das ocupações das mulheres livres (55%) e das escravas (89%) no conjunto da população é um procedimento, no mínimo, inusitado dentro do vasto universo das listas nominativas³². Como salientamos anteriormente é difícil precisar o por quê da

30 MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 1987.

31 Ver dois trabalhos que enfocam detidamente a questão dos agregados e dos homens livres e pobres no século XIX. SAMARA, Eni de Mesquita. *Os agregados na região de Itu – 1780/1830*. São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, 1977. Ver também FRANCO, Maria Silvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Kairós, 1983. 3 ed.

32 Os pesquisadores que trabalham com as listas nominativas comprovaram ser esse um procedimento pouco usual; as informações de ocupações são prioridades do sexo masculino, tanto para

“preferência” do juiz em classificar majoritariamente ocupações femininas. É possível que o significativo trabalho da fiação e tecelagem tenha corroborado nesta direção, mas ainda, assim, não é um procedimento comum omitir as ocupações masculinas³³.

Ao observarmos as ocupações para os “chefes de fogos” constatamos que 26% deles eram liderados por mulheres, e dentro dessa categoria, 87% foram consideradas fiadeiras. Eni de Mesquita Samara, analisando a sociedade paulista dessa mesma década, observou que 30% dos domicílios eram “chefiados” por mulheres³⁴. Percentual semelhante foi observado para Ouro Preto, no estudo desenvolvido por Donald Ramos³⁵. Esses resultados associados a outros como os trabalhos de Iraci Del Nero da Costa³⁶ ressaltam não só a importância das mulheres na chefia das famílias, como também demonstram a forte participação delas na economia doméstica.

Por outro lado, a presença preponderante dos homens é inegável: 74% dos fogos eram chefiados pelo sexo masculino, sendo 40% agricultores e lavradores. Esse resultado reitera a idéia de uma economia eminentemente apoiada na produção agrícola. Mas, por outro lado, apresenta também dados que valorizam a fiação e tecelagem como atividade econômica de relativo peso no distrito.

Passemos agora a analisar criteriosamente as informações de ocupações dentro das cinco faixas estabelecidas. É preciso lembrar que ao iniciarmos este artigo partimos da hipótese de que poderiam existir diferenças demográficas e econômicas significativas entre os fogos/domicílios segundo a faixa da posse de escravos. Observamos até o momento que as características demográficas dos grupos analisadas apresentaram diferenças. Estudaremos agora a dimensão econômica das ocupações a partir das faixas da posse.

livres quanto para escravos. Ver principalmente: SAMARA, Op. Cit. 1989, PAIVA, Op. Cit. 1996, LIBBY, Op. Cit. 1988.

33 Encontramos no Censo de 1872 uma presença significativa de “operárias de tecidos”. No entanto, foram os lavradores, criadores e jornaleiros que ocuparam lugar de maior destaque no universo das “profissões”. MARQUES, Op. Cit. 2000.

34 Ver SAMARA, Op. Cit. 1989.

35 Ver RAMOS, Donald. Marriage and the family in colonial Vila Rica. In: *HAHR*, 55(22): 220-225, 1975.

36 Ver COSTA, Iraci Del Nero da. *Vila Rica: população (1719-1826)*, São Paulo: FIPE, 1979.

Tabela 15 - Estrutura ocupacional da população total distribuída pelas faixas da posse de escravos, Bonfim, 1831

Setor	Grupo	S/E		P		M		G		MG	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Agropecuária	Agricultura	36	8,4	30	13,5	32	24,2	22	13,5	1	2,3
	Agroindústria	1	0,2	1	0,4	0	0,0	0	0,0	1	2,2
	Pecuária	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Associações	0	0,1	0	0,1	0	0,0	7	4,3	0	0,0
	SubTotal	37	8,7	31	14,0	32	24,2	29	17,8	2	4,5
Atividades	Madeira	10	2,3	7	3,1	1	0,8	2	1,2	0	0,0
Manuais	Metais	3	0,7	0	0,0	2	1,5	2	1,2	1	2,3
E Mecânicas	Couro e peles	9	2,1	3	1,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Barro (cerâmica)	0	0,0	0	0,0	3	2,2	0	0,0	0	0,0
	Tecido	17	3,9	12	5,4	11	8,3	16	9,8	5	11,3
	Fiação e Tecelagem	221	51,8	122	54,6	66	50,0	88	53,9	30	68,2
	Outros	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	2,3
	Construção Civil	4	0,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	SubTotal	264	62,0	144	64,9	83	62,9	108	66,3	37	84,1
Comércio	Comércio	11	2,5	11	4,9	4	3,0	5	3,0	1	2,3
	Tropeirismo	4	0,9	5	2,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	SubTotal	15	3,5	16	7,2	4	3,0	5	3,0	1	2,3
Serv. Dom.	Serviço doméstico	0	0,0	2	0,9	2	1,5	2	1,2	2	4,5
	SubTotal	0	0,0	2	0,9	2	1,5	2	1,2	2	4,5
Função Pública	Igreja	0	0,0	0	0,0	1	0,8	0	0,0	0	0,0
	SubTotal	0	0,0	0	0,0	1	0,8	0	0,0	0	0,0
Out. Ativ.	Assalariado	77	18,0	17	7,7	4	3,0	4	2,5	0	0,0
	Feitor	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	1,8	0	0,0
	Educação	19	4,5	8	3,6	2	1,5	6	3,6	0	0,0
	Saúde	2	0,4	1	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Transporte	1	0,2	0	0,0	0	0,0	1	0,6	0	0,0
	Outras Atividades	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	2,3
	SubTotal	99	23,2	26	11,6	6	4,5	14	8,6	1	2,3
Desocupados	Defic. Enfermos Idosos	11	2,5	3	1,3	4	3,0	3	1,8	0	0,0
	SubTotal	11	2,5	3	1,3	4	3,0	3	1,8	0	0,0
Assoc. Ocup.	Assoc. Ocupacional	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,2	1	2,3
	SubTotal	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,2	1	2,3
Total	Total Geral	426	100	222	100	132	100	163	100	44	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831, SPPP 1 10 Caixa 05, documento 35

A não informação representa 739 casos ou 42,8%.

Numa análise mais geral percebemos que quanto maior a faixa da posse de escravos menos informação de ocupação nos eram fornecidas. Para ilustrar tal comportamento basta observarmos que entre os não escravistas 75,9% dos indivíduos possuíam uma atividade definida. Contrariamente, apenas 35,5% dos indivíduos contidos dentro da faixa dos muito grandes escravistas mencionaram ocupação³⁷. Esta é uma situação procedente se pensarmos que a população listada na primeira faixa referia-se exclusivamente a indivíduos livres. Por outro lado, os fogos nos quais existiam uma

37 A informação das ocupações era inversamente proporcional ao tamanho dos plantéis: não escravista (79,5%), pequeno (64,9%), médio (44,9%), grande (37,9%) e muito grande (35,5%).

grande presença de escravos o número de informações de ocupações gradualmente era menor, uma vez que o juiz de paz tenderia a privilegiar informação, dessa natureza, para os indivíduos livres³⁸.

Em função disso, observamos que algumas atividades econômicas relacionadas, por exemplo, com madeira (85%), couro (100%), construção civil (100%), comércio (69%), tropeirismo (100%), assalariados (92%), saúde (100%), educação (77%) estavam eminentemente concentradas nos setores dos não escravistas e dos pequenos plantéis, como podemos verificar pelos percentuais apontados. Um fato interessante é que essas ocupações compunham os setores das atividades manuais e mecânicas, do comércio, e outras atividades. Estas estabeleciam uma relação mais autônoma com o sistema escravista uma vez que a dependência do escravo era menor. Nos inventários observamos que todos os tropeiros e comerciantes encontrados tinham um plantel inferior a dez escravos, sendo 50% deles não escravistas ou pequenos. Em geral, a posse de escravos dos artífices não ultrapassava o limite estabelecido para os médios plantéis.

Diferentemente das atividades ligadas aos ofícios, a demanda de escravos na agricultura tende a aumentar - quanto maior o número de cativos mais destaque este setor adquiria. Comparando essa informação com os inventários, observa-se que quanto mais escravos encontrávamos entre as famílias, maiores e mais caras eram às suas propriedade. A descrição contida nas fontes cartorias é riquíssima em detalhes. Podemos saber exatamente o que era produzido e a dimensão espacial das fazendas. Com seus engenhos de cana, seus moinhos e monjolos traziam sempre associado a esse complexo sistema econômico um grande plantel de escravos.

Com relação à fiação e tecelagem nota-se que representou mais de 50% das informações para todas as faixas analisadas. Os muito grandes escravistas apresentaram o maior percentual, sendo 68,2% das ocupações destinadas ao referido setor. Esta faixa é representada, no universo de Bonfim, por apenas duas únicas famílias. A do capitão Antônio de Souza Moreira casado com Dona Catharina Maria D'Sacramento é uma delas. Esta família possuía 79 escravos sendo 48 homens e 31 mulheres³⁹. Do total de escravos observamos que 70% delas estavam fiando e tecendo. Este exemplo confirma

38 Ver PAIVA, Op. Cit. 1995.

39 Ver lista nominativa de Bonfim 1831/32 no Arquivo Público Mineiro, SPPP 1 10 Caixa 05, Documento 35.

a importância que esta atividade acabou exercendo no distrito. Esta informação reafirma também que os tecidos produzidos deveriam estar sendo exportados para a capital da província e para outras localidades, pois não haveria sentido tantas escravas envolvidas em uma atividade doméstica e que era, sobretudo, destinada às mulheres livres.

Considerações Finais

Os resultados acabaram por evidenciar a dinâmica econômica e social de um distrito tipicamente rural. Produção, autoconsumo, e circulação de mercadorias conviveram simultaneamente na realidade passada.

Pôde-se perceber também as distintas características econômicas e demográficas dos escravistas. Tais diferenças entre os estratos analisados sinalizaram o quanto era diversificada a sociedade mineira, do século XIX. Ter nenhum, poucos ou muitos cativos interferia diretamente no perfil socioeconômico das famílias.

Por fim, a pesquisa demonstrou várias evidências de uma realidade socioeconômica dinâmica: altas taxas de africanos, produção e circulação de mercadorias, comércio interprovincial e inter-regional. Os resultados alcançados, possibilitaram o diálogo com a historiografia, ora confirmando pressupostos já consagrados, ora apresentando realidades desconhecidas e específicas para o vasto Império das Minas Gerais.

Fontes Manuscritas:

1. Arquivo Público Mineiro/Minas Gerais
 - 1.1. Listas Nominativas 1831/32
 - 1.2. Censo Provincial de 1872
2. Arquivo Municipal de Bonfim/Minas Gerais, Cartório de Primeiro e Segundo Ofícios.
 - 2.1. Inventários *post-mortem* do distrito de Bonfim 1840 a 1888 (Banco de Dados composto de 210 documentos)

Fontes Impressas:

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. (tradução de Leonam de Azeredo Penna). Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1974

SILVA, José Joaquim. *Tratado de Geografia Descritiva Especial da Província de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997.

WELLS, James W. *Explorando e viajando. Três mil milhas através do Brasil. Do Rio de Janeiro ao Maranhão*. (Tradução de Miriam Ávila e introdução de Christopher Hill). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 2 Vol.

Bibliografia:

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Família e escravaria: demografia e família escrava no norte de Minas Gerais no século XIX. In: *População e família*. São Paulo: CEDHAL/USP/Humanitas, vol. 1, n.1, (jan/jun). 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

COSTA, Iraci Del Nero da. *Vila Rica: população (1719-1826)*, São Paulo: FIPE, 1979.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e riqueza na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Kairós, 1983. 3 ed.

- FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- GODOY, M. Pimentel de. *Expressão Econômica do Vale do Paraopeba*. Minas Gerais: Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de Minas Gerais, 1957.
- GODOY, Marcelo Magalhães. Intrépidos viajantes e a construção do espaço. Uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX. In: *Texto Para Discussão*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, N. 109, 1996.
- GORENDER, Jacob. *O Escravismo Colonial*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1978 e LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979. T
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. A Princesa do Oeste: Elite Mercantil e Econômica de Subsistência em São João Del Rey (1831-1888). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1998. (*Tese de Doutorado*).
- LANNA, Ana Lúcia D. *A Transformação do trabalho*. Campinas: 1989, 2ª ed. (1ª ed. 1988).
- LIBBY, de Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988
- LUNA, Francisco Vidal. & CANO, Wilson. Economia escravista em Minas Gerais. *Cadernos IFCH*. Campinas: UNICAMP, n. 10, out. 1983.
- MAGALHÃES, Beatriz Ricardina. Inventários e Seqüestros: fontes para a História Social. In: *Revista de História*. Belo Horizonte: V.9, 1989.
- MARQUES, Cláudia Eliane Parreiras. Riqueza e Escravidão: Dimensões Materiais da Sociedade no Segundo Reinado. Bonfim/MG. Universidade de São Paulo, Departamento de História, 2.000 (*Dissertação de Mestrado*).
- MARTINS, Roberto Borges. Growing in silence: the slave economy of nineteenth century Minas Gerais – Brasil. Nashville, Vanderbilt University, 1980, (*Tese de doutorado*).
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- NOVAIS, Fernando. *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI-XVIII)*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PAIVA, Clotilde Andrade Paiva, População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX. São Paulo: *Tese de Doutorado*. FFLCH/USP, 1996.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- RAMOS, Donald. Marriage and the family in colonial Vila Rica. In: *HAHR*, 55(22): 220-225, 1975.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: Século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SAMARA, Eni de Mesquita. *Os agregados na região de Itu – 1780/1830*. São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, 1977.

SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil*. 7^a ed. São Paulo: Editora Nacional/Brasília, INL, 1977.

SLENES, Robert W. A formação da família escrava nas regiões de grande lavoura do Sudeste: Campinas, um caso paradigmático no século XIX. In: *População e família*. São Paulo: CEDHAL/USP/Humanitas, volume 1, n.1, (jan./jun.). 1998.

Anexo 1

Tabela 4 - Distribuição da população livre por sexo, cor (*qualidade*), Província, Mineradora Central Oeste e Bonfim, 1831/32

	Branços						Crioulos						Mestiços						Total	
	H		M		H		M		H		M		H		M		H		M	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Província	5907	41,4	54367	38,5	2306	1,6	1729	1,2	11220	8,3	14246	10,1	62423	46,3	67005	47,5	134909	100	141079	100
Miner. C. O.	11183	30,1	11151	26,8	767	1,8	616	1,5	4877	13,1	6673	16,0	20056	54,0	22862	55,0	37118	100	41582	100
Bonfim	154	30,9	165	30,4	6	1,1	3	0,6	31	6,2	48	8,8	308	61,7	327	60,2	499	100	543	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32

Tabela 5 - Distribuição da população escrava por sexo, cor (*qualidade*), Província, Mineradora Central Oeste e Bonfim, 1831/32

	Africanos						Crioulos						Total						
	Homem		Mulher		R/S		Homem		Mulher		R/S		Homem		Mulher				
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%			
Província	42298	50,3	14753	27,9	1,80	30124	35,8	29113	55,1	0,7	7862	9,3	7345	13,9	0,7	84153	100	52836	100
Miner. C. O.	13528	53,3	4252	27,1	1,97	9440	37,2	9102	58,0	0,6	2372	9,3	2317	14,8	0,6	25402	100	15702	100
Bonfim	248	62,6	105	36,5	1,72	125	31,6	141	49,0	0,6	23	5,8	42	14,6	0,4	396	100	288	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32, R/S = Razão de Sexo

Tabela 6 - Distribuição da população africana por sexo e faixa etária, Província, Mineradora Central Oeste e Bonfim, 1831/32

	Criança (0-14)						Adulto (15-59)						Idoso (60 ou +)		Total				
	Homem		Mulher		R/S		Homem		Mulher		R/S		Homem		Mulher		R/S		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Província	3569	8,0	1774	10,8	0,7	36596	82,0	13435	81,5	1,0	3413	7,7	1092	6,6	1,1	44604	100	16482	100
Minerad. C. O.	957	6,7	414	8,5	0,7	11924	83,4	4021	82,6	1,0	1410	9,9	430	8,8	1,1	14295	100	4868	100
Bonfim	10	3,9	6	5,6	0,6	228	89,8	100	92,6	0,9	16	6,3	2	1,9	3,3	254	100	108	100

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831/32, R/S = Razão de Sexo

Anexo 2

Tabela 13 - População livre segundo a cor *quabáada* e o sexo, Bonfim, 1831

H	Branco			Africanos			Criolos			Mestiços			Total		
	N	%	R/S	N	%	R/S	N	%	R/S	N	%	R/S	N	%	R/S
S/E	26	10,4	0,8	4	1,6	2,20	26	10,4	14,3	194	77,6	1,03	230	100	1,00
P	49	40,8	0,90	0	0,0	0,00	1	0,8	2,4	70	58,3	1,06	120	100	1,00
M	39	63,9	0,90	2	3,3	2,20	3	4,9	1,6	17	27,9	0,80	61	100	0,9
G	37	59,7	1,00	0	0,0	0,00	1	1,6	4,7	24	38,7	1,00	62	100	0,9
M/G	3	90,0	0,60	0	0,0	0,00	0	0,0	0,0	3	90,0	2,90	6	100	1,0
T	154	30,9	1,01	6	1,2	2,00	31	6,2	8,8	308	61,7	1,02	499	100	0,9

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831, SFPP 1 10 Caixa 5, Documento 35; R/S= Razão de Sexo

Tabela 14 - População escrava segundo a cor *quabáada* e o sexo, Bonfim, 1831

H	Africanos			Criolos			Mestiços			Total				
	N	%	R/S	N	%	R/S	N	%	R/S	N	%	R/S		
P	37	72,3	1,5	10	19,6	0,5	4	7,8	5	10,6	0,7	51	100	1,1
M	61	62,2	1,8	33	33,7	0,6	4	4,1	7	9,7	0,4	98	100	1,2
G	110	61,1	2,5	57	31,7	0,6	13	7,2	26	21,0	0,4	180	100	1,4
M/G	40	59,7	1,0	25	37,3	1,1	2	3,0	4	8,9	0,3	67	100	1,5
T	248	62,6	1,7	125	31,6	0,6	23	5,8	42	14,6	0,3	396	100	1,4

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Censo de 1831, SFPP 1 10 Caixa 5, Documento 35; R/S= Razão de Sexo